

“Homossexualidade e ideologia de gênero à luz da palavra de Deus”: uma análise da circular nº151 da Congregação Cristã no Brasil

“Homosexuality and gender ideology in the light of the word of God”: an analysis of the circular letter nº151 of the Christian Congregation in Brazil

Eliézer Reis VICENTE¹

Resumo

Este artigo centra-se na Circular Nº 151, “Homossexualidade e Ideologia de Gênero à luz da palavra de Deus” publicada no dia 09 de abril de 2023 na página oficial da igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB). Nosso objetivo é analisar, à luz das contribuições de Michel Foucault para a Análise do Discurso, alguns enunciados emblemáticos produzidos nesta circular, problematizando os múltiplos significados produzidos sobre a homossexualidade. Consideramos que o discurso analisado provoca certas rupturas com o regime heteronormativo, ao mesmo tempo em que afirma a diversidade sexual em nossa sociedade.

Palavras-chave: Homossexualidade; Ideologia de Gênero; Palavra de Deus; Foucault; Congregação Cristã no Brasil.

Abstract

This article focuses on Circular Nº 151, "Homosexuality and Gender Ideology in the light of the word of God" published on April 09, 2023 on the official website of the church Christian Congregation in Brazil (CCB). Our goal is to analyze, in the light of Michel Foucault's contributions to Discourse Analysis, some emblematic statements produced in this circular, problematizing the multiple meanings produced about homosexuality. We consider that the analyzed discourse provokes certain ruptures with the heteronormative regime, while affirming sexual diversity in our society.

Keywords: Homosexuality; Gender Ideology; Word of God; Foucault; Christian Congregation in Brazil.

Introdução

As relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre estiveram presentes na história da humanidade. Se nos utilizarmos de Sarane Alexandrian (1993),

¹ Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (PPGECM/UFG). E-mail: eliezervicente@gmail.com

podemos ver como entre os antigos gregos e romanos havia expressões de suas sexualidades desde Autokylos, passando pela poetisa Safo da Ilha de Lesbos, até chegarmos ao *Satyricon*, as *Sátiras de Juvenal* etc. Os discursos sobre a sexualidade mostram-se em momentos sócio-históricos precisos como balbúcia de normatizar as práticas sexuais de acordo com os padrões da época, pois o controle da via social e política só poderiam ser alcançados pelo controle do corpo e da sexualidade (FOUCAULT, 2021).

Como elementos culturais, as formas de representação das relações afetivas não eram totalmente livres, sendo convergentes aos elementos da sociedade e cultura, envolvendo disputas, questões históricas e regras. Não obstante, os entendimentos sobre essas relações sofreram alterações a partir de contextos e momentos históricos específicos. Contudo, há ainda uma crescente necessidade de se problematizar a sexualidade, principalmente, as discussões acerca da homossexualidade e da identidade de gênero. É como nos coloca Foucault, na *ordem do discurso*, é uma “vontade de saber que não se detém de um tabu irrevogável” (Foucault, 2021, p.18).

Na ordem do discurso, os estudos de religião e homossexualidade tocam duas questões de alta sensibilidade social, que, juntas, fazem emergir conflitos potencialmente violentos. Conflitos simbólicos dotados de forte apelo de pertencimento e respaldos tradicionais de um conservadorismo ideológico e da estruturação dos tabus sexuais e sua manutenção no sistema social.

Partindo da compreensão de que a sexualidade não é algo dado, natural e imutável, mas uma construção histórica e social sobre os modos de sentir e experimentar o corpo, os desejos e as relações, o presente artigo faz uma análise da Circular Nº 151, “Homossexualidade e Ideologia de Gênero à luz da palavra de Deus” publicada no dia 09 de abril de 2023 na página oficial da igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB). À luz das teorizações foucaultianas nosso objetivo é problematizar os múltiplos significados produzidos sobre a homossexualidade nesta circular.

Homossexualidade à luz de Michel Foucault

O filósofo francês Michel Foucault, em seus estudos *genealógicos*, mostra a ascensão de dispositivos disciplinares a partir dos quais as instituições fixaram aos corpos os elementos de identidade, para, assim, os controlarem.

Para Foucault, o corpo passa a ser a marca do indivíduo moderno no interior dos processos de disciplina, subjetivação e identificação. “São corpos a adestrar, a corrigir, a recuperar, a tornar dócil e produtivo. Para isso é também necessário o investimento em sua identificação” (Albuquerque Júnior, 2009, p. 98). Para que possamos refletir além do *poder disciplinar*, precisamos pensar como os corpos tornaram-se alvos de uma maquinaria mais ampla de poderes, saberes e verdades que definiram as vivências das sexualidades dos sujeitos, o que nos leva ao conceito de *dispositivo da sexualidade* de Foucault. Ao falar sobre o dispositivo, Foucault aponta:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2021, p. 244).

Trata-se de uma grande teia heterogênea, descentralizada e rizomática que atua no campo da significação e, com isso, na produção dos corpos e sexos dos sujeitos modernos. Nessa rede de poderes-saberes-verdades, podemos localizar a produção científica e discursiva da criação dos corpos sexuados e da dicotomia entre o sexo masculino e o feminino. Foram exatamente esses esforços científicos de diferenciar os dois sexos que acabaram compondo os *dispositivos da sexualidade* de Foucault.

Nesse horizonte que Foucault aponta que a sexualidade na ordem moderna não foi reprimida ou negada: “Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva” (Foucault, 2021, p. 23). O sexo, para o filósofo, antes de ser reprimido, foi cada vez mais intensificado e estimulado a ser posto nas falas e nos discursos. Esses discursos tornaram-se institucionalizados e o sexo passou a ser capturado por uma teia discursivo-institucional que cada vez mais quis desvendar seus mistérios e conhecer suas verdades. Dessa forma, os dispositivos da sexualidade se utilizaram do exame e da confissão como metodologia de análise de discursos sobre o sexo, como forma de esses discursos produzirem uma verdade de si do sujeito (Foucault, 2021). Para Foucault, o objetivo político desse processo de incitação dos discursos sobre a sexualidade é “colocar-nos inteiros – nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história – sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo.

Uma vez que se trate de saber quem somos nós, é ela, doravante, que nos serve de chave universal [...]” (Foucault, 2021, p. 88-89).

Por tal lógica, a sexualidade e o sexo passam a ser os fatores fundamentais da sociedade moderna, por literalmente fundarem as subjetividades e os sujeitos. Com isso, foi necessário implantar um dispositivo da sexualidade que, além de operar na produção dessas sexualidades, também classificou e separou o *joio do trigo* através de uma gestão racionalizada das sexualidades dos sujeitos, que passou a delimitar o que é normal (socialmente desejável) e o que é patológico (socialmente indesejável).

O autor questiona o lugar comum de que o sexo foi colocado no lugar da restrição (hipótese repressiva) e apresenta, em seu lugar, a colocação do sexo em discurso (proliferação de discursos sobre a sexualidade), o que foi capaz de construir uma ciência da sexualidade (*scientia sexualis*). No horizonte da confissão dos sujeitos e da *scientia sexualis*, criaram-se categorias morais de sexualidades corretas e incorretas. Passou-se a interrogar a sexualidade de todos os sujeitos, loucos, crianças ou criminosos, para definir-se uma classificação generalizada, e com isso chegou-se a um modelo de categorização para todos os sujeitos.

No horizonte dessas discussões, fica-nos evidente a partir das teorizações foucaultianas é que o sexo, através dos discursos científicos assume um papel privilegiado para a determinação da verdade do sujeito, a sua identidade. Essa irrupção discursiva dos séculos XVIII e XIX provoca duas modificações: um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual focando-se no que é considerado contra a natureza e o surgimento de todas as sexualidades periféricas (formas condenadas), às quais é possível reparar tanto as indulgências (no campo penal) e uma grande repressão (no campo pedagógico e médico).

“Afigura-se um mundo da perversão, secante em relação ao da infração legal ou moral. Surge toda uma gentilha diferente [...] eles carregam sucessivamente o estigma da 'loucura moral'” (Foucault, 2021, p. 47). Foucault comenta que o dispositivo da sexualidade cria a figura do homossexual:

Homossexual se torna personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas. [...] na sua face e em seu corpo já que é um segredo que se trai sempre [...]. O sodomita

era um reincidente, agora o homossexual é uma “espécie” (Foucault, 2021, p. 50-51).

Ora, é assim que se cria uma grande taxionomia da sexualidade, em que os mais diversos e estranhos seres são enquadrados por uma malha científica e discursiva que os transforma em espécie, baseada em um mito de verdade e identidade. A partir do momento em que essa criatura é nomeada, suas condutas e seu corpo passam a ser alvos da intervenção dos poderes-saberes.

Antes de buscar o extermínio desses sujeitos desviantes, o poder os deseja, os estimula, como meios de se utilizar de suas aberrações para fins morais e políticos de controle e intensificação da sexualidade considerada não aberrante. Segundo Miskolci (2009, p. 333), os “discursos educativos, governamentais, e midiáticos se articulam em práticas sociais que nos formam desde a mais tenra infância para crermos que somos o que desejamos. De forma que o desejo se constitui no ponto nodal da sexualidade”.

Circular nº 151: “Homossexualidade e ideologia de gênero à luz da palavra de Deus”

Cada sociedade tem seus regimes de verdade, isto é, tipos de discursos que ela produz e faz funcionar como verdadeiros, e essa “verdade” está intrinsecamente ligada a relações de poder, que a instauram e são sustentadas por ela (Foucault, 2021).

Com seus regimes de verdade e por meio de passagens bíblicas iniciam-se a circular: “No princípio Deus fez o homem e a mulher, macho e fêmea os fez (Gen. 1, 27), determinando que se multiplicassem, formando assim as famílias na terra (Ef. 3, 14 e 1Tim. 5,8)” (Congregação Cristã no Brasil, 2023). Essas primeiras palavras já nos dão margem de análise para a questão que chamarei de *sistema binário sexual*. Um assunto que marca o início da circular e segue em pauta até o fim.

Em nossa sociedade – herdeira da modernidade ocidental –, na identidade sexual entra em jogo uma espécie de “operador lógico”, ou seja, um sistema binário sexual que impõe principalmente para grupos minoritários, alternativas em dois polos: 1) referente ao sexo: ser macho ou fêmea no sentido biológico, a partir da própria dotação genital; 2) referente ao gênero: agir como homem ou mulher, ou seja, seguir condutas socialmente desejáveis/aceitas. À vista disso, qualquer questionamento que coloque em dúvida o caráter “natural” e “normal” da heterossexualidade será tratado como uma questão de minorias e colocado à margem social. De forma incongruente, “esses sujeitos ‘marginalizados’ continuam necessários, já que servem para circunscrever os contornos

daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam” (Louro, 2004, p. 66). Seguindo o sistema binário sexual (homossexual *versus* heterossexual), sempre existirá e se admitirá um polo que será desvalorizado, designado como minoria, que, apesar de ser diferente ou desviante, poderá ser “tolerado” pela sociedade. Nesse sentido, torna-se impossível pensar em múltiplas sexualidades, pois o múltiplo é algo que foge a ela (Louro, 2004).

No horizonte dessas questões, os autores Peter Fry e Edward MacRae (1984) na obra *O que é homossexualidade* já ressaltavam que hoje ninguém “[...] acredita que as diferenças de comportamento entre os dois sexos [...]”, ou seja, masculino e feminino, “[...] possam ser explicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são forjados socialmente” (Fry; Macrae, 1984, p. 11). Com isso, o que está em jogo em questões comportamentais direcionados ao sistema binário sexual são os papéis sociais que ocupam esses indivíduos em determinadas funções e lugares que criaram raízes na sociedade brasileira.

Nessa questão, Berenice Bento em entrevista concedida a Diego Madi Dias enfatizou que “o gênero serve para construir corpos, é uma máquina de produção em série de seres humanos. Se você tem pênis, é homem; se tem vagina, é mulher. *Em ambos os casos você deve ser heterossexual*” (Dias, 2014, p. 485, grifos do autor).

A partir de uma natureza biológica, “a ideia ‘do sexo’ permite esquivar o que constitui o ‘poder’ do poder” (Foucault, 2021, p. 169). Em outras palavras, considerando o sexo como um elemento natural este não aparece como construção, como objeto atravessado pelo dispositivo da sexualidade. O poder aparece apenas em sua versão de interdição. Para Foucault (2021) o sexo é um elemento imaginário produzido pelo dispositivo de sexualidade, é “[...] o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres” (Foucault, 2021, p. 169).

Atravessados ainda na questão do *sistema binário sexual*, a circular continua dizendo que as “figuras maternas e paternas é essencial para a formação do caráter, do desenvolvimento social, emocional, psicológico, moral e espiritual da criança” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.).

A relação homem/mulher “modela um grande número de relações sociais, de representações e de arranjos simbólicos, em todas as sociedades formadas principalmente

à base do parentesco, da filiação e da aliança” (Balandier, 1976, p. 41-42). Por conta dessa relação tomada como “primevo”, a homossexualidade apresenta-se, antropológicamente, como “o estado zero das relações sociais, como não-relação e, de qualquer modo como o inverso da união das diferenças, que revela sua fecundidade na categoria exemplar ou, melhor paradigmática, atribuída à relação masculino/feminina” (Balandier, 1976, p. 41-42).

Encampados nessa discussão recorreremos à pesquisa de doutorado de Antônio Crístian Saraiva Paiva (2004), intitulada: *Reservados e invisíveis: a administração da intimidade nas parcerias homoeróticas quando ele fala de micropolíticas homoeróticas* e analisa a questão da conjugalidade homossexual, isto é, onde as noções de corpo, gênero e sexualidade são pensadas a partir de uma discussão estética (estética da existência, ética da amizade, constituição de laços afetivo-sexuais desencaixados da codificação amorcasamento-família). Situando a experiência conjugal homoafetiva/homoerótica nos elementos – a aliança, a filiação e a sexualidade – a “homoconjugalidade” se institui como “impensável”, como “antinomia” (Lenoir, 2001, p. 58-59), engendrando um colapso das representações tradicionais, dos territórios do casamento, da família e da sexualidade.

Bem sabemos que a família tradicional arcaica descrita por Gilberto Freyre (2001) em *Casa-grande & senzala*, entrou em colapso há tempos. A família contemporânea vive em momentos transitórios, tendo de absorver a existência de novas formas de família, influenciadas por mudanças sociais, econômicas [e] biológicas. Hoje, as famílias podem ser legitimadas pela existência das relações sócio-afetivas, unidas voluntariamente e por laços de afetividade, ultrapassando vínculos biológicos, bem como a hierarquização do poder patriarcal legitimado pela heteroconjugalidade.

Em toda a circular é notável que para eles, é inconcebível a aceitação ou reconhecimento dos laços afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero, uma vez que essas pessoas e suas respectivas uniões desafiam as estruturas normativas sobre as quais o discurso religioso se sustenta, como a repressão e a heterossexualidade compulsória, ou seja, em uma ordem hegemônica, que solicita ou mesmo impele homens e mulheres a serem heterossexuais. Aqui, vemos operar o mecanismo de exclusão, sobre o qual conceituou Michel Foucault (1999), à medida que algo só pode vir à tona enquanto acontecimento calcado na exclusão de outros enunciados. Com isso, há uma rejeição da vivência afetivo-sexual entre homossexuais, alçada na concepção de casamento heterossexual, monogâmico para fins reprodutivos. Este mecanismo discursivo leva à

consequência lógica de que não é possível ser homem, mulher, marido, esposa, mãe, pai e nem mesmo cristão/ã quando se é homossexual.

Seguindo a leitura da circular, continua: “Esse modelo de comunidade patriarcal estabelecido por Deus, ainda que destoante dos modernos discursos dos grupos sócio-políticos contrários aos valores judaico-cristãos, é a melhor organização para o ser humano” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.).

E a circular segue:

A anatomia humana revela de forma evidente que o corpo físico do homem se completa no corpo físico da mulher, sendo a união deles a forma estabelecida por Deus para procriação de todo o gênero humano. Em verdade, mesmo no nível celular, homens possuem informações genéticas em seus cromossomos diferente das mulheres. Inexiste, em absoluto, informação genética de homoafetividade. Em outras palavras, não é possível determinar o comportamento homossexual de alguém a partir da análise de seu genoma, **por inexistir um gene homoafetivo. Ainda que nos dias atuais as inclinações homoafetivas estejam fortemente evidenciadas e enaltecidas pela mídia mundial**, contudo, para o cristão, isso não deve ser visto como experiência saudável por conflitar com a vontade de Deus (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p., grifos do autor).

Foucault (1999) caracteriza o discurso como lutas de poder, verdades e mentiras nas quais quem o controla tem interesse em disseminar.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta. O poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 1999, p. 09).

Neste sentido, segundo Foucault (1999, p. 10), “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância, qualquer um não pode falar de qualquer coisa”. No entanto, notam-se no discurso religioso, atitudes, preconceitos e julgamentos embasados na Bíblia, mas como dito acima, nem tudo pode ser dito, nem tudo pode ser esclarecido, pois convém ao enunciador fortalecer suas virtudes e apontar as fraquezas dos interlocutores, pois assim mantem a sua rede de poder e controle.

Sobre tais questões apontadas na circular, recorreremos também ao que Lísias Castilho, médico, autor do livro *Homossexualidade*, discute o tema no capítulo intitulado

Perspectiva biológica e sustenta o posicionamento de que os saberes científicos “são transitórios”. Apesar de homens e mulheres serem diferentes “anatomicamente, hormonal e funcionalmente desde a concepção”, as “diferenças entre homossexuais e heterossexuais do mesmo sexo nunca foram claramente demonstradas, nem na esfera mental, nem na física”. Para o autor, diversos estudos de base científica teriam falhado em seu esforço de demonstrar “a transmissão genética de tendências homossexuais” (Castilho, 1990).

O pecado também é um enunciado com efeitos de poder pertinentes no campo religioso, envolvendo diversos trechos da Bíblia para reforçar a ideia de homossexualidade como pecado. A Bíblia é tida como “palavra de Deus” e utilizada como um importante dispositivo de saber/poder/verdade nos discursos religiosos cristãos. Ao passo que se configura como verdade que faz ver e faz falar os ordenamentos de uma divindade para os seres humanos, a Bíblia se torna efetivamente um dispositivo de poder na docilização dos corpos. Como podemos perceber no trecho a seguir:

É necessário que todos os nossos atos estejam amparados pelo evangelho da Graça, de tal maneira que eles não se confrontem com os propósitos do Criador, a fim de não cairmos em **transgressão e pecado**. Segundo as **escrituras sagradas**, as conjunções carnavais somente são abençoadas pelo Altíssimo quando sucedem entre casais unidos pelo matrimônio. Todas as relações extraconjugais são condenadas pelo Senhor, porquanto adulteram o casamento (Heb. 13,4). Da mesma sorte, há um pronunciamento claro e inequívoco da **palavra de Deus** recriminando às uniões sensuais entre pessoas do mesmo sexo, posto que essas deturpam o propósito da criação (Gên. 19,5; Lev. 18,22 e Deut. 23,17) (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p., grifos do autor).

Nesse horizonte, podemos pensar acerca do dispositivo da sexualidade. Sobre o dispositivo, César comenta:

[...] uma rede de saberes e poderes que se apropriam do corpo em sua materialidade viva e, assim, o investem de significação e inteligibilidade. Foi seguindo esta grade interpretativa que Foucault pôde mostrar que a sexualidade atravessou os séculos XIX e XX como um crucial elemento organizador e definidor da verdade mais íntima dos sujeitos, isto é, como foco aberto e privilegiado para uma série de escrutínios e investigações capazes de produzir inúmeros efeitos de normalização e patologização sobre a vida de indivíduos e populações (Cesar, 2017, p. 243-244).

Assim, um dispositivo é algo que tem “a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões

e os discursos dos seres viventes” (Agamben, 2009, p. 13). Todavia, é interessante observar como a Bíblia é utilizada como guia da verdade somente em momentos pontuais e convenientes à funcionalidade discursiva que se põe a operar na ordem dos discursos religiosos apresentados nesta circular, uma vez que os versículos são citados sempre de forma isolada, sem qualquer contextualização ou hermenêutica. Dessa maneira, qualquer trecho que se retire da Bíblia pode ser utilizado como gatilho para efeitos de verdade, como aqueles que incitam o ódio contra os homossexuais, contra as mulheres reforçando a segregação, etc. Nesse sentido, se detém ainda com vários trechos bíblicos para continuar a afirmar que Deus não aprova as relações homoafetivas, como segue a circular:

A sabedoria do eterno não aprova em absoluto esses contatos homoafetivos e temos essa instrução santa nas palavras do apóstolo Paulo, quando lemos a Epístola aos Rom. 1,24 a 28 *"Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que ao Criador, que é bendito eternamente. Amém. Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões (homens), deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão (homens com homens), cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm"* (1Cor. 6,9 e 1Tim 1,10). Estimados irmãos, todos os salvos devem morrer para o mundo e viver para Cristo, conforme instruídos na Palavra em Col. 3,5 (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p., grifos no original).

Pode-se conjecturar, portanto, em toda a circular, a evidência de um fundamentalismo seletivo, ou seja, de estratégias de fundamentação dogmática do texto bíblico, enunciando-o de forma descontextualizada e convenientemente, com as partes textuais enunciadas para os fins pretendidos.

A circular continua, mas agora com um conselho aos/as irmãos/ãs heterossexuais. Segundo eles, a ordem é para que os membros da igreja não se deixem ser “arrastados” ao pecado, violando as leis de Deus. “[...] todos os cristãos, homens e mulheres heterossexuais, precisam governar os seus corpos e refrearem os seus instintos lascivos, mantendo um comportamento santo a fim de fugirem do pecado da fornicação, do adultério e da luxúria” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.). Em contrapartida, aos/as irmãos/ãs que sentem “inclinação” para pessoas do mesmo sexo, o conselho é “reprimir esses desejos por amor ao reino de Deus” (Trecho da Circular Nº 151- CCB,

2023, n.p.), mesmo que numa visão contemporânea, a homossexualidade seja vista “como apenas um detalhe de preferência pessoal e não como uma desordem espiritual” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.).

Temos visto, por meio dos trechos da circular que o pecado homossexual é desafiar uma ordem do mundo instaurada por Deus. Nesse entendimento, práticas sexuais entre homens ou entre mulheres contrariam uma determinação divina com relação aos gêneros e a sexualidade. A mensagem religiosa completa-se na afirmação de que o desejo homossexual é passível de mudança, basta reprimi-lo, para ficar livre da condenação divina, afinal, “a condenação divina não recai sobre os homens pelo fato isolado de sentirem atração física por outras pessoas do mesmo sexo e sim por consumarem essa inclinação” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.).

Nesse horizonte de repressão, a homoafetividade foi fortemente reprimida e silenciada, pois não seguia os padrões reprodutivos, familiares ou heteronormativos. Daí sua condição de quase invisibilidade ao longo da história ocidental – a Igreja condenava as práticas que nem sequer poderiam ser nomeadas, pois desde o século XII, qualquer relação sexual não procriadora implicava a acusação de “comportamento animal” (Naphy, 2006, p. 75).

Foucault (2021) afirma que desde o séc. XVIII o que ocorreu não foi repressão, mas uma espécie de ampliação discursiva sobre “as sexualidades periféricas”. Em vez do silêncio da repressão, detalhes dessas sexualidades não conjugais, não reprodutivas, não heterossexuais foram classificadas a partir do confessionário cristão, e depois encerradas na educação familiar, na pedagogia das escolas, nas clínicas, nos hospitais, com o objetivo não de reprimir, mas de regulá-lo, conforme disciplina e controle internos sobre o indivíduo.

A disseminação de discursos sobre o sexo criou mecanismos de poder para seu deslocamento e controle. A sexualidade, vista como um campo de poder foi circunscrita aos dispositivos de controle sobre os desejos que atuavam como mecanismos não apenas de repressão, mas de coerção sobre comportamentos para atender interesses estatais. Toda essa regulação e deslocamento compunha o processo de formação dos estados modernos, interessados num controle biopolítico da população, mediante a domesticação do corpo e do prazer (Foucault, 2021). A apartação da homoafetividade, consoante essa estratégia de poder corresponderia à normatização de uma identidade fixada, que deveria expurgar tudo aquilo que fosse considerado desviante.

A sodomia [...] era um tipo de ato interdito e ao autor não era mais que seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é escapa a sua sexualidade. Ela está presente em todo o seu ser: subjacente em todas as suas condutas, posto que constitui seu princípio insidioso e indefinidamente ativo; inscrita sem pudor em seu rosto e seu corpo porque consiste em um segredo que sempre se trai [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi rebaixada da prática da sodomia a uma sorte de androginia interior, de hermafroditismo da alma (Foucault, 2021, p. 43-44).

A partir de um ensaio do psiquiatra Karl Friedrich Westphal (*Die Konträre Sexualempfindung*, 1870), o homossexual masculino tornou-se um “tipo humano” para Michel Foucault. A partir daquele momento, para Foucault, a homossexualidade terminou de ser um problema de comportamento que o sujeito pode ter ou não, e tornou-se uma questão de desejos, fantasias, personalidade, exigindo um trabalho de compreensão e interpretação que o sujeito pode conduzir no confessionário com o padre, no divã com o psicanalista, ou através de um diálogo silencioso consigo mesmo. Nesse horizonte, Mieli (2002) afirma que esse trabalho também envolve os heterossexuais, pois eles também devem confessar seus desejos homossexuais, reconhecê-los para afastá-los de si e para ter acesso à identidade heterossexual.

A circular segue dizendo ao/a cristão/ã que é através da fé que se podem vencer todas as dificuldades, evitando, assim, infringir a lei divina, “porquanto a prática homoafetiva é condenada por Deus, sendo tratada como impureza sexual” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.). Para justificar este trecho, a circular segue utilizando trechos bíblicos:

Podemos constatar isso pelas seguintes passagens: 1Cor. 6,9 “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” e 1Tim. 1,9 “Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas, e matricidas, para os homicidas, Para os fornicários, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina, Conforme o evangelho da glória de Deus bem-aventurado, que me foi confiado” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p., grifos no original).

A partir dessa justificativa apresentada pela circular, gostaria de chamar a atenção para o termo efeminado. A questão central são os termos *malakoi* e *arsenokoitai*, ambas do original grego. A palavra *malakoi*, que em tradução literal significa “mole” ou “macio”, tem ganhado múltiplas traduções ao longo dos anos. Sendo algumas de suas variações: efeminados, afeminados, depravados, pervertidos, efebos, e mais recentemente, homossexuais (Feitosa, 2011).

Opiniões de teólogos e tradutores bíblicos nem sempre são unânimes e nas últimas décadas, várias crenças "novas" tem embrenhado o meio cristão, das crenças mais bizarras a crenças mais serias, e algumas preocupantes, uma dessas crenças é que o termo *Malakoi* não faz alusão à homossexualidade, e o termo é uma passagem chave em algumas passagens da bíblia, que fazem referência à homossexualidade. Por via de regra, propõe que tal termo vem sido traduzido de forma tendenciosa pela tradição religiosa, e que seu entendimento de que “macio” estaria ligado a “efeminado”, ou ao conceito moderno de homossexualidade, trata-se de um reflexo do viés ideológico impetrado pelo cristianismo.

Existe também, uma atualização ao termo *efeminado*, que passa a se chamar afeminado, uso mais frequente no vocabulário atual. O que tem percebido é uma preocupação em revisar a tradução voltada a atualizar o termo efeminado para que remeta aos homossexuais com trejeitos femininos. Esse tipo de tradução trata-se de um discurso convergente com o que a religião deseja considerar como pecado ou não,

traduzir a Bíblia, mais ainda do que qualquer outro texto, considerando-se a história dos efeitos de Bíblia, é um retraduzir. Que impõe, como se sabe, uma crítica. A tradução não é o texto, este truísmo que devemos lembrar. Um fantasma, com efeito, impele o tradutor. ele quer fazer ler o texto através de sua tradução. a infelicidade — sendo dado o estado das ideias sobre o que é que se traduz, sua antiguidade e sua mundialização é preciso dizer e redizer — é que a tradução não é somente uma passagem de uma língua a uma outra. É uma passagem através de hábitos culturais, um filtro tanto mais opaco e espesso que parece ser mais transparente (Meschonnic, 2010, p. 241).

Por fim, a circular vai encerrando, refletindo que tais conselhos são instruções a irmandade, sem jamais praticar homofobia e desprezar qualquer pessoa pela sua orientação sexual, “até mesmo porque, não está escrito que essa natureza de culpa seja maior do que a de outras listadas na Bíblia” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.), e ainda, que a igreja deve ser abrigo para todas as pessoas sem nenhuma distinção. “O que era imoral pelos padrões de Deus nos tempos apostólicos não se tornou moral

hoje, apenas porque a sociedade moderna aceita e quer nos impor esses valores” (Trecho da Circular Nº 151- CCB, 2023, n.p.).

A circular deixa claro que não tem a intenção de praticar homofobia, provavelmente porque são cientes que é um crime imprescritível e inafiançável no Brasil desde 2019 e que, embora haja muitos avanços e conquistas, no âmbito sócio-político, relacionadas à diversidade sexual, essa mesma visibilidade tem produzido disparadores para práticas sociais violentas demonstradas em crimes e discursos de ódio, intolerância e interdições veladas contra homossexuais. Sobre as pessoas homofóbicas, estes “costumam ser conservadores, rígidos e favoráveis à manutenção dos papéis sexuais tradicionais” (Melo, 2005, p. 193), pois a homofobia está associada ao machismo, ao fundamentalismo religioso e, ainda, pode estar relacionada à misoginia.

O Brasil é, também, definido pelos altos índices de violência letal contra as populações LGBTQIAPN+. O Grupo Gay da Bahia (GGB), sob a liderança do antropólogo Luiz Mott, no início dos anos 1980, começou a documentar essa violência e construiu um banco de dados de evidências da violência letal homofóbica na mídia impressa, televisiva e virtual. Segundo o grupo, a violência letal homofóbica “não se trata [...] de crimes comuns, fruto de assalto ou bala perdida, nem de ‘crimes passionais’ como as páginas policiais costumam noticiar. São ‘crimes de ódio’, em que a condição homossexual da vítima foi determinante no ‘modus operandi’ do agressor” (Mott, 2006, p. 514). Para exemplificar, o GGB mostrou que o número de mortes de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil em 2022, foi de 237 (GGB, 2022).

Considerações finais

Partimos do entendimento que a sexualidade não é algo dado, natural e imutável, mas sim, uma construção histórica e social sobre os modos de sentir e experimentar o corpo, os desejos e as relações, à luz das teorizações foucaultianas com o objetivo de problematizar os múltiplos significados produzidos sobre a homossexualidade a partir de uma análise da Circular Nº 151, “Homossexualidade e Ideologia de Gênero à luz da palavra de Deus” publicada no dia 09 de abril de 2023 na página oficial da igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB).

A sexualidade de um indivíduo possui a potencialidade de configurar-se numa identidade sexual que irá encontrar sérios embates dentro do seu *ethos* evangélico

(heteronormativo, conservador, excludente). Se o Brasil é definido pelo pluralismo religioso, no que tange à expressão pública das religiões, o pertencimento cristão (em suas várias correntes) tem dominado a cena e imposto suas representações conservadoras sobre o gênero e a sexualidade.

No que tange às concepções e definições esboçadas a respeito da homossexualidade, nota-se uma diversidade de discursos, que intercalam discursos religiosos e científicos na tentativa de desqualificar as relações homoafetivas e, logo, cercear os direitos dessa população. Como já observado, o entendimento da homossexualidade é descrito como uma prática antinatural à criação divina, pelo fato de não envolver os órgãos genitais responsáveis pela reprodução da espécie.

Cabe aqui, fazer uma alerta para o fato de que o discurso religioso pode em alguns casos encobrir o discurso de ódio, propagando a discórdia e a desunião entre os sujeitos desviando o pensamento ou ideologia para o embate odioso da exclusão de grupos sócio-historicamente marginalizados.

As considerações aqui empreendidas não procuram oferecer uma visão homogênea desse campo religioso. A circular analisada aponta para a perspectiva de atuação de determinados grupos religiosos que buscam o gerenciamento da sexualidade.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Outra travessia,5, 9-16, 2009.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. Bela ou a Fera: os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia da identidade. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 95-134.

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BALANDIER, Georges. **Antropo-lógicas**. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1976.

CASTILHO, Lísias Nogueira. **Homossexualidade**. 2 ed. São Paulo, ABU, 1990.

CÉSAR, Maria Rita. O dispositivo da sexualidade ontem e hoje: sobre a constituição dos sujeitos da anomalia sexual. **Dois Pontos**, [S.l.], v. 14, n. 1, nov. 2017.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL (CCB). **Homossexualidade e Ideologia de Gênero à luz da palavra de Deus**. São Paulo, 2023. 2 p. Disponível em:

<https://congregacaocristanobrasil.org.br/circular?id=151&t=circular>. Acesso em: 09 abr 2023.

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 43, p. 475-497, dez. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S010483332014000200475&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 jun. 2023.

FEITOSA, Alexandre. **Efeminados e Sodomitas: Quem são eles?** 2011. Artigo de Website.

Disponível em: <http://teologiaeinclusao.blogspot.com/2011/09/efeminados-e-sodomitas-quem-sao-eles.html>. Acesso em: 01 jun. 2023.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Le gay savoir* (1978). Em: **Le Bitoux, J., Entretiens sur la question gay**. Béziers: H&O. [Tr. it. 2007. *Il gay sapere, aut-aut*, 331], 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. trad. Maria Albuquerque & J. A. Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

GGB (site). **Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022**.

Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>. Acesso em 26 jun. 2023.

LENOIR, Remi. *Le familialisme et le PaCS*. In: BORILLO, D.; FASSIN, Eric. (org.). *Au-delà du PaCS: L'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité*. Paris: P.U.F, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2010. Tradução de:

Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich.

MIELI, Mario. **Elementi di critica omosessuale**. Turim: Einaudi. 2002.

MISKOLCI, R. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a Teoria Queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 325-338.

MOTT, L. Homo-afetividade e direitos humanos. **Revista Estudos Feministas**, 2006, v.14, n.2, p. 509-521.

NAPHY, W. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2006.

PAIVA, Antônio Crístian Saraiva. **Reservados e invisíveis - Administração da intimidade nas parcerias homoeróticas**. 2004. 368 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2004.